

# Desmascarando alguns engodos sobre os monocultivos de árvores

Movimento Mundial pelas Florestas Tropicais (WRM)

*Os monocultivos de árvores em grande escala têm graves impactos sociais e ambientais. E isso as empresas plantadoras sabem muito bem. Por isso fazem grandes esforços publicitários para convencer as pessoas do contrário. É muito importante, então, conhecer a falsidade dos argumentos manejados pelas empresas e nos opor à instalação de tais plantações.*



II

*É comum que essas plantações se instalem em terras destinadas à agricultura de subsistência, pelo que chegam inclusive a diminuir as fontes de ocupação: são gerados menos empregos do que os que se perdem. Quando sua instalação implica a destruição prévia da floresta, os habitantes locais se veem privados das ocupações e das fontes de renda que dependem dos recursos providos pela floresta*

**DIZEM QUE “as plantações são florestas”.** Esse é o ponto de partida da propaganda a favor das plantações. Querem nos convencer de que, se as florestas são social e ambientalmente necessárias, então as plantações também o serão. Mas uma plantação não é uma floresta e a única coisa que têm em comum é que em ambas predominam árvores.

Uma floresta contém numerosas espécies de árvores e de arbustos de todas as idades, além de muitas outras espécies vegetais – no solo e sobre as próprias árvores e arbustos (trepadeiras, epífitas, parasitas, etc.) – e uma enorme variedade de espécies de fauna, que nela encontram abrigo, alimentos e possibilidades de reprodução.

Ao contrário, uma plantação compõe-se de uma ou poucas espécies de árvores de rápido crescimento (geralmente exóticas), plantadas em blocos homogêneos da mesma idade, onde a vegetação local não consegue se desenvolver, e a fauna não encontra nenhum alimento.

As florestas estão habitadas por comunidades humanas que delas asseguram sua sobrevivência. As plantações não alojam comunidade alguma. Ao contrário: as expulsam, privando-as de seus meios de vida.

Nas regiões afetadas pelas plantações, as comunidades locais têm tudo isso muito claro e, a partir de sua própria experiência, descrevem as plantações como “desertos verdes”, “florestas mortas que matam tudo”, “florestas do silêncio”, “soldados plantados”, “árvores egoístas”, definições muito mais ajustadas à realidade.

Toda a luta contra o avanço desses monocultivos parte do fato de que “as plantações não são florestas”.

**DIZEM QUE “as plantações geram emprego”.** Esse argumento é muito utilizado para conquistar as populações locais. Mas é uma afirmação totalmente falsa.

As grandes plantações geram muito poucos empregos, em geral de muito baixa qualidade, quase todos de caráter temporário, com baixos salários e em condições de trabalho onde prima a má alimentação, o alojamento inadequado e o descumprimento da legislação trabalhista vigente. São frequentes os acidentes e as doenças ocupacionais.

Além disso, em muitos países, as plantações tendem a privar os prévios ocupantes da terra de suas fontes anteriores de trabalho. É comum que essas plantações se instalem em terras destinadas à agricultura de subsistência, pelo que chegam inclusive a diminuir as fontes de ocupação ao invés de aumentá-las, já que são gerados menos empregos do que os que se perdem. Quando sua instalação implica a destruição prévia da floresta, os habitantes locais se veem privados das ocupações e das fontes de renda que dependem dos recursos providos pela floresta. Em quase todos os casos, com as plantações se expulsa a população local especialmente para os cinturões de miséria das cidades.

*Cadernos de Biodiversidade é um folheto colecionável de Biodiversidade sustento e culturas, julho de 2009. Desmascarando alguns engodos sobre os monocultivos de árvores foi elaborado pelo Movimento Mundial pelas Florestas Tropicais (WRM), com base em suas pesquisas e documentação de muitos anos. Agradecemos a contribuição da Fundação Siemenpuu para a elaboração deste trabalho conjunto. Os desenhos que o acompanham foram elaborados especialmente para este trabalho pela artista mexicana Atziri Carranza.*

**Organizações coeditoras**

Acción Ecológica [notransgenicos@accioneologica.org](mailto:notransgenicos@accioneologica.org) | Acción por la Biodiversidad [agenciabiodla@gmail.com](mailto:agenciabiodla@gmail.com) |  
 Campaña de la Semilla de la Vía Campesina – Anamuri [internacional@anamuri.cl](http://internacional@anamuri.cl) | Centro Ecológico [revbiodiversidade@centroecologico.org.br](mailto:revbiodiversidade@centroecologico.org.br) |  
 GRAIN [carlos@grain.org](mailto:carlos@grain.org) | Grupo ETC [etcmexico@etcgroup.org](mailto:etcmexico@etcgroup.org) | Grupo Semillas [semillas@semillas.org.co](mailto:semillas@semillas.org.co) |  
 Red de Coordinación en Biodiversidad [rcbcostarica@gmail.com](mailto:rcbcostarica@gmail.com) | REDES-AT Uruguay [biodiv@redes.org.uy](mailto:biodiv@redes.org.uy)

**Comité Editorial** Carlos Vicente, Argentina / Ma. Eugenia Jeria, Argentina / Ciro Correa, Brasil / Maria José Guazzelli, Brasil / Germán Vélez, Colômbia / Alejandra Porras (Coeco-AT), Costa Rica / Silvia Rodríguez Cervantes, Costa Rica / Camila Montecinos, Chile / Francisca Rodríguez, Chile / Elizabeth Bravo, Equador / Ma. Fernanda Vallejo, Equador / Silvia Ribeiro, México / Magda Lanuza, Nicarágua / Martin Drago, Uruguai / Carlos Santos, Uruguai / **Administração** Ingrid Kossmann [ingridbiodiversidad@gmail.com](mailto:ingridbiodiversidad@gmail.com) / **Edição** Ramón Vera Herrera [constelacion@aneta.apc.org](mailto:constelacion@aneta.apc.org) / **Design e diagramação** Daniel Passarge, Claudio Araujo [danielpassarge@gmail.com](mailto:danielpassarge@gmail.com) / Amanda Borghetti (Brasil)

Em qualquer dos países, de todas as atividades capazes de gerar emprego em nível rural, a atividade plantadora é geralmente a pior opção – na quantidade e na qualidade dos empregos. Em que pese isso, as empresas plantadoras e os governos continuam difundindo o engodo de que as plantações geram emprego. A título de exemplo, no Plano Nacional de Florestamento do Peru (cujo objetivo é promover as plantações) se afirma que as plantações geram um emprego direto a cada 4 hectares. Para demonstrar o absurdo de tal número, basta dizer que a Sociedade de Produtores Florestais do Uruguai (que também sustenta que o florestamento gera empregos) afirma que ele gera um emprego direto a cada 70 hectares.

**DIZEM QUE “as plantações são muito mais produtivas do que as florestas”.** O argumento pode parecer convincente devido ao rápido crescimento das árvores numa plantação de pinus ou de eucaliptos. Mas depende do que se entende por “produtivo”, e de quem essa produção beneficia.

Uma plantação comercial produz por hectare, por ano, um grande volume de madeira para indústria. Mas isso é tudo: o beneficiário direto do que é produzido é a empresa proprietária da plantação.

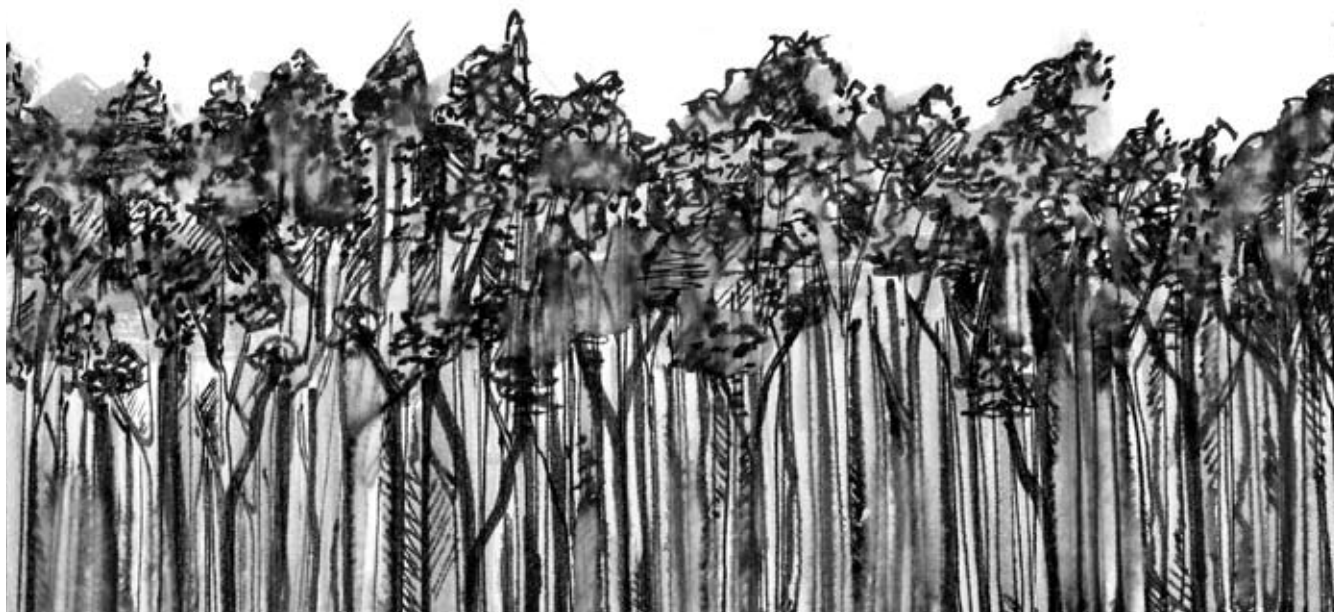
Uma floresta, ao contrário, não produz só madeira para o mercado. Sua produção engloba outros tipos de árvores, vegetais, animais, frutas, cogumelos, mel, forragem, adubo, lenha, madeiras para usos locais, fibras vegetais e remédios, gerando ainda serviços de conservação de solos, biodiversidade, recursos hídricos e microclima.

Quando se afirma que as plantações são muito mais produtivas do que as florestas, se está comparando unicamente o volume de madeira para indústria que se pode extrair de ambas, e, nessa comparação, a plantação parece superior. Mas, se for comparada a totalidade de bens e serviços providos pela plantação e pela floresta, é evidente que esta última é muito mais produtiva do que a plantação. Ainda mais, em muitos aspectos a produção da plantação é nula (por exemplo, em alimentos, remédios ou forragem) e, inclusive, pode ser negativa quando afeta outros recursos como a água, a biodiversidade e o solo.

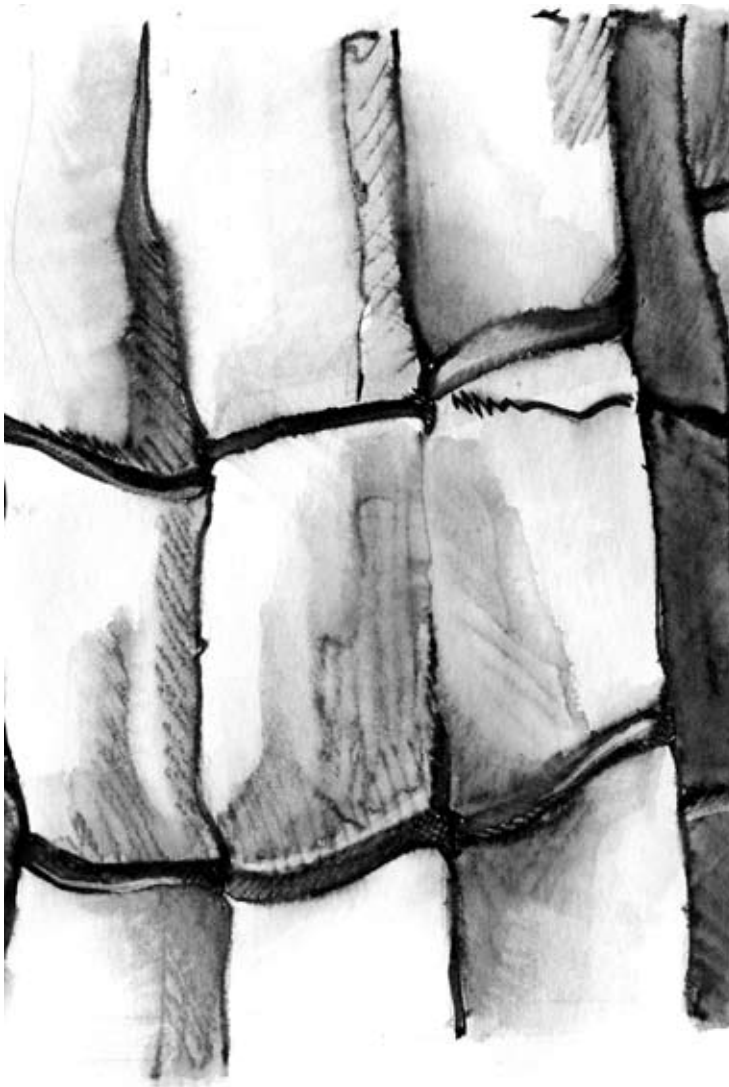
Isso se torna muito claro para aquelas populações locais que sofrem os efeitos da implantação de extensos monocultivos florestais, pois sofrem a perda da maior parte dos recursos que até então asseguravam sua sobrevivência. Para elas, a produtividade dessas plantações é negativa.

*Quando se afirma que as plantações são muito mais produtivas do que as florestas, se está comparando unicamente o volume de madeira para indústria que se pode extrair de ambas, e, nessa comparação, a plantação parece superior. Mas, se forem comparados os bens e serviços providos pela plantação e pela floresta, é evidente que esta última é muito mais produtiva do que a plantação. A plantação não produz alimentos, remédios ou forragem e afeta a água, a biodiversidade, o solo*

III



IV



*Tratam-se de grandes plantações crescendo em um ritmo muito rápido.*

*Os impactos sobre a água são cada vez mais graves e chegam a levar ao desaparecimento de banhados, mananciais, poços e até cursos de água. A qualidade da água se vê afetada pela erosão e pelos agroquímicos que a contaminam*

pradarias, páramos) são destruídos e substituídos por plantações de uma só espécie, normalmente exótica (pinus, eucaliptos, gmelina, teca). As poucas espécies de vegetais que conseguem sobreviver são eliminadas com herbicidas. Para a maior parte das espécies da fauna local, as plantações são desertos alimentícios, pelo que também desaparecem. As poucas espécies que conseguem se adaptar são exterminadas (no caso de afetarem a plantação) ou se convertem em pragas que afetam as produções agropecuárias nas imediações.

**DIZEM QUE “as plantações servem para aliviar a pressão sobre as florestas”.**

Alegam que o fato de haver mais madeira disponível oriunda de plantações se traduzirá em uma menor extração de madeira das florestas nativas. Isso pode parecer lógico, mas se tem constatado que as plantações são, em geral, mais um fator de desmatamento, porque:

- Em muitos países, as plantações se instalam eliminando antes a floresta existente.
- Em muitos casos, substituir a floresta com a plantação determina a migração (voluntária ou forçada) dos povoadores da região, que se veem obrigados a ingressar em outras áreas florestadas, onde iniciam um processo de desmatamento para poder atender suas necessidades básicas. Nesses casos, o desmatamento gerado pela plantação é dobrado.

**DIZEM QUE “as plantações florestais melhoram o meio ambiente”.** Ao serem disfarçadas como “florestas”, se diz que cumprem as mesmas funções que estas: que protegem e melhoram os solos, regulam o ciclo da água e conservam as plantas e animais locais. Nada disso é correto.

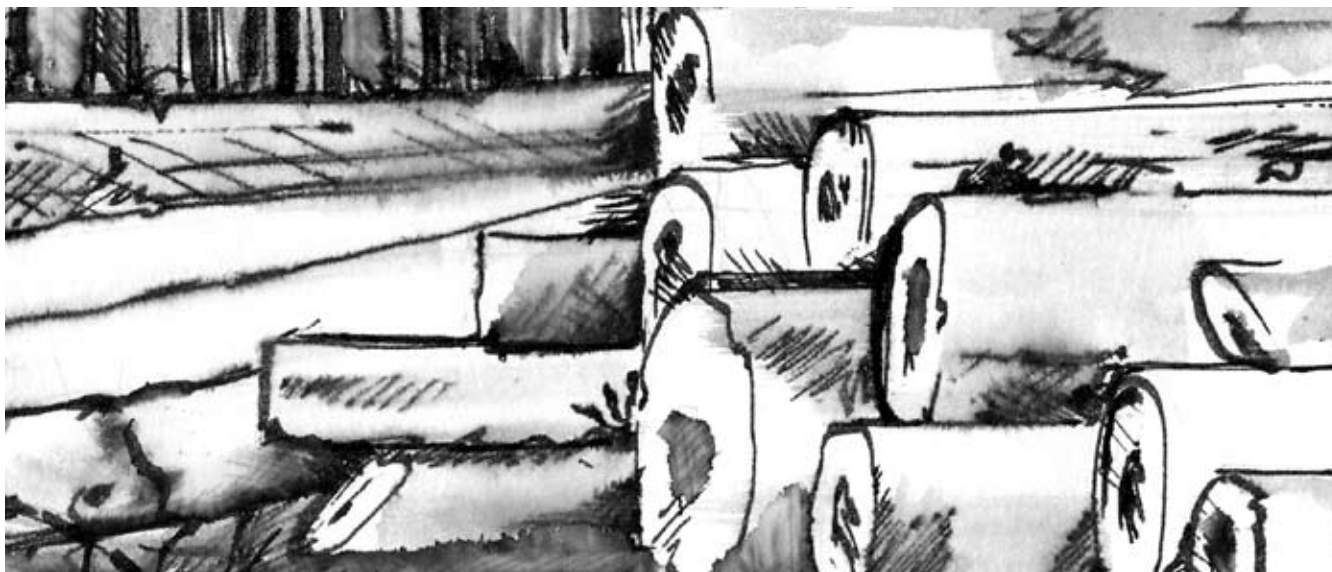
Em matéria de solos, as plantações provocam erosão, perda de nutrientes, mudanças na estrutura física e composição química do solo, e compactação. Ou seja: os solos acabam empobrecidos, em muitos casos de forma irreversível.

A água, elemento vital, é afetada em quantidade e qualidade. Em nível de bacia, o volume de água disponível diminui drasticamente depois da instalação de plantações. Isso se deve a vários fatores, mas o principal é o elevado consumo de água dessas espécies. Para crescer, as árvores carregam os nutrientes do solo até as folhas, onde ocorre a fotossíntese. O veículo para levar os nutrientes até a folha é a água. Para crescer mais, necessitam mais nutrientes, o que implica maior uso de água para transportá-los até as folhas. Como se tratam de grandes plantações crescendo em um ritmo muito rápido, os impactos sobre a água se tornam cada vez mais graves e chegam a levar ao desaparecimento de banhados, mananciais, poços e até cursos de água. A qualidade da água também se vê afetada pela erosão e pelo uso generalizado de agroquímicos que a contaminam.

Os impactos das plantações sobre a flora (plantas, arbustos, árvores) e fauna (animais, aves, insetos) são muito graves. Os ecossistemas locais (florestas,

- A madeira produzida nas plantações de forma nenhuma substitui as valiosas espécies da floresta tropical: ambas têm mercados distintos. Tanto que a maior parte da madeira de plantações destina-se à produção de papel e produtos de madeira de baixa qualidade, enquanto a madeira extraída das florestas (tropicais, em particular) é transformada em produtos de alta qualidade.
- Não é mencionado que a extração madeireira não é a única causa do desmatamento. Numerosas áreas de florestas são eliminadas para destinar o solo a cultivos de exportação (como a soja) e à criação extensiva de gado; outras desaparecem debaixo de gigantescas represas hidrelétricas; os manguezais são eliminados para destinar a área para a produção industrial de camarão. A exploração petrolífera e a mineração também destroem amplas áreas de florestas. Nenhum desses processos destrutivos tem qualquer relação com a maior ou menor área destinada a monocultivos florestais, tornando evidente ser falso que consigam “aliviar a pressão” sobre as florestas.

A área de florestas do continente continua diminuindo, apesar do avanço das plantações florestais em muitos países da região, o que demonstra que o pretenso alívio da pressão sobre as florestas não é mais do que publicidade de interesse das empresas.



**DIZEM QUE “as plantações são necessária para que todos nós possamos usar papel”.** O uso de papel vinculado à alfabetização, ao ensino e ao acesso à informação escrita é utilizado pelas empresas para justificar suas extensas plantações de pinus e eucaliptos destinadas à produção de celulose e de papel. Entretanto, grande parte da madeira e celulose produzidas na América Latina não são destinadas a produzir papel para abastecer a população da região, mas sim à produção e consumo de papel e papelão na Europa, América do Norte e Ásia.

Da América Latina, exportam-se troncos, lascas e celulose para sua industrialização nesses destinos. Lá, em torno de 50% do papel e papelão produzidos destinam-se a embalagens e pacotes, e só uma terça parte se destina a papéis para escrever e para impressão. Desse um terço, grande parte é destinada à produção de impressos publicitários, e só uma pequena porcentagem acaba em materiais de educação ou difusão.

A isso se soma o uso excessivo de papel e papelão nos países com altos níveis de consumo. Enquanto os Estados Unidos, Finlândia e Japão têm um consumo anual de papel *per capita* de mais de 300, 330 e 250 quilos respectivamente, países exportadores de celulose como Chile, Brasil e Uruguai mostram um consumo *per capita* de 64, 39 e 36 quilos, respectivamente.

*Os governos e as empresas definem algumas áreas como “degradadas” (ou simplesmente “ociosas” ou “subutilizadas”) para justificar sua apropriação e destiná-las a plantações.*

VI

*Não é por acaso que em tais áreas as árvores cresçam muito bem, e que sua localização geográfica permita tornar o investimento rentável. Para os habitantes locais, essas terras não estão degradadas e tampouco são “ociosas” ou “subutilizadas”. Dependem total ou parcialmente delas para assegurar sua sobrevivência. Ali estabelecem seus cultivos, criam animais e se abastecem de frutos, fibras, plantas medicinais, caça, pesca e muitos outros produtos que satisfazem grande parte de suas necessidades.*

Em resumo, as plantações não só não proporcionam mais papel para a América Latina, mas também servem, em grande parte, para alimentar um consumo de papel excessivo e socialmente desnecessário.

**DIZEM QUE “as plantações permitem aproveitar e melhorar terras degradadas”.**

Esse argumento é absolutamente falso, já que as plantações comerciais em grande escala nunca se instalam em terras degradadas. A razão é muito simples: em tais tipos de solos, as árvores não crescem bem, e plantar ali não resulta rentável. Se o objetivo fosse realmente restaurar ecossistemas degradados, o pior que se poderia fazer seria plantar árvores como essas, que impactam negativamente solos, água, flora e fauna.

A realidade é que os governos – em aliança com as empresas – definem determinadas áreas como “degradadas” (e às vezes simplesmente como “ociosas” ou “subutilizadas”) para justificar sua apropriação e destiná-las a plantações. Não é por acaso que precisamente em tais áreas as árvores cresçam muito bem, e que sua localização geográfica permita tornar o investimento rentável (fácil acesso, proximidade de portos e centros industriais).

Para os habitantes locais, é claro que essas terras não estão degradadas e tampouco são “ociosas” ou “subutilizadas”. Dependem total ou parcialmente delas para assegurar sua sobrevivência. Ali estabelecem seus cultivos, criam animais e se abastecem de frutos, fibras, plantas medicinais, caça, pesca e muitos outros produtos que satisfazem grande parte de suas necessidades.

**DIZEM QUE “as plantações de árvores oferecem oportunidades para as mulheres”.**

A experiência mostra que, longe de oferecer oportunidades, as plantações impactam de forma diferenciada as mulheres, e, em muitos casos, os impactos são inclusive mais graves que os sofridos pelos homens.

Em geral, as mulheres são encarregadas das tarefas vinculadas à provisão de alimentos, água, lenha, e de cuidar da saúde das famílias. Com a chegada das plantações, o ecossistema que as provia de todos esses elementos é destruído para dar lugar aos monocultivos. As mulheres enfrentam grandes dificuldades para continuar com essas tarefas. Em certos casos, já não dispõem de terras para produzir alimentos. Agora a água escasseia pelo grande consumo das plantações e está contaminada pelo uso intensivo de agrotóxicos. A destruição da floresta implica que já não conseguem lenha nem plantas medicinais para atender sua saúde e a de suas famílias. Tudo isso aumenta a carga de trabalho das mulheres, já que têm que destinar mais tempo e esforço para conseguir alimentos, água, lenha e plantas medicinais. A tudo isso se soma o aumento da violência contra a mulher – outro fator fortemente associado à chegada das plantações de árvores às comunidades. As razões desse aumento são diversas, como, por exemplo, o aumento do alcoolismo ou a chegada de pessoas estranhas à comunidade, em sua quase totalidade homens, para trabalhar nas plantações.

A maior quantidade dos empregos gerados pelas empresas é destinada aos homens. Nos poucos casos em que as mulheres conseguem empregos, elas são contratadas para realizar tarefas vinculadas à aplicação de agrotóxicos ou em viveiros florestais, onde têm que cumprir longas jornadas de trabalho com baixos salários e expostas continuamente a substâncias altamente perigosas.

Em resumo, as plantações pioram a situação das mulheres.

**Mentiras sobre o dendê.** Os monocultivos de dendê têm impactos muito similares aos de eucaliptos e pinus, portanto, quase tudo o que foi dito também se aplica às grandes plantações de dendê.

Os empresários do dendê (e os governos que os apóiam) também contam com um discurso publicitário infestado de falsidades sobre “as benesses” que tais plantações trazem.

A seguir, algumas das pérolas desse colar, incluídas nos planos do governo mexicano para promover essa atividade, mas que se repetem em todos os países onde a querem implementar\*.

- Que o dendê é estimulado em zonas devastadas por atividades improdutivas e que causaram dano ao meio ambiente - como a criação de gado.
- Que é importante a reconversão produtiva, tornar mais competitivo o campo e seus produtores.
- Que aumenta o reflorestamento.
- Que gera empregos.
- Que gera um cordão para proteger a biodiversidade das florestas.
- Que são “florestas protetoras dos ecossistemas”.
- Que previnem a erosão.
- Que recupera os solos e as bacias hidrográficas para reter a umidade.
- Que não causa dano ao meio ambiente.
- Que produz mais oxigênio.
- Que pode ser inserido no mercado para vender serviços ambientais.
- Que gera combustível ecológico.

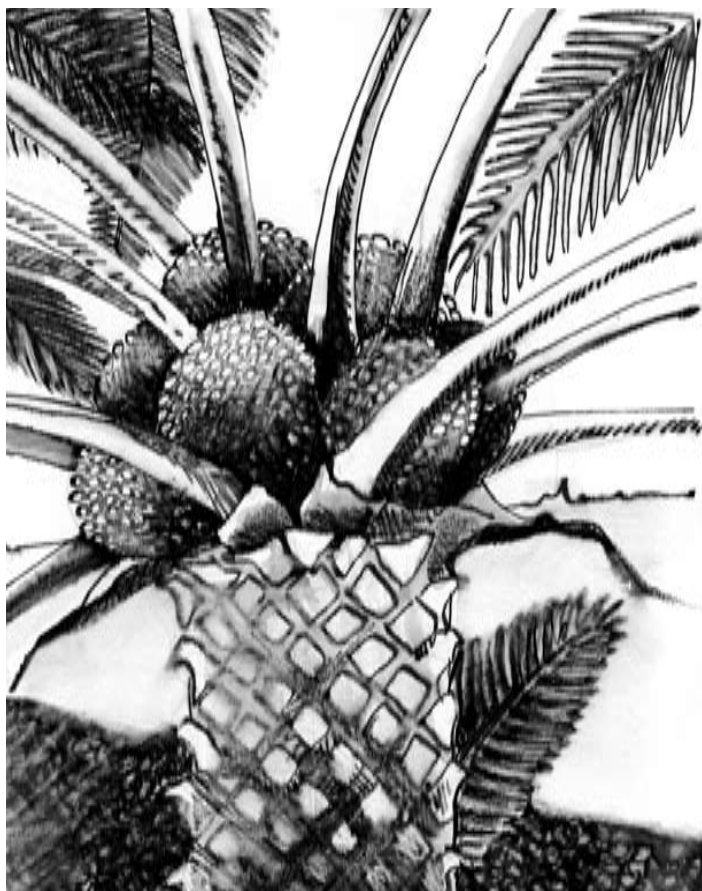
Mas, em todas as regiões onde já existem monocultivos de dendê, constatou-se:

- Que destroem florestas e outros ecossistemas locais.
- Que afetam gravemente a biodiversidade, pela destruição de ecossistemas e pelo uso indiscriminado de agrotóxicos.
- Que destroem e contaminam os recursos hídricos.
- Que os plantadores se apropriam de amplas áreas de terras, expulsando - com frequência pela força - as populações locais.
- Que os empregos que geram são poucos, mal pagos, com más e (com frequência) perigosas condições de trabalho.
- Que os agrotóxicos utilizados afetam a saúde dos trabalhadores e dos moradores locais.

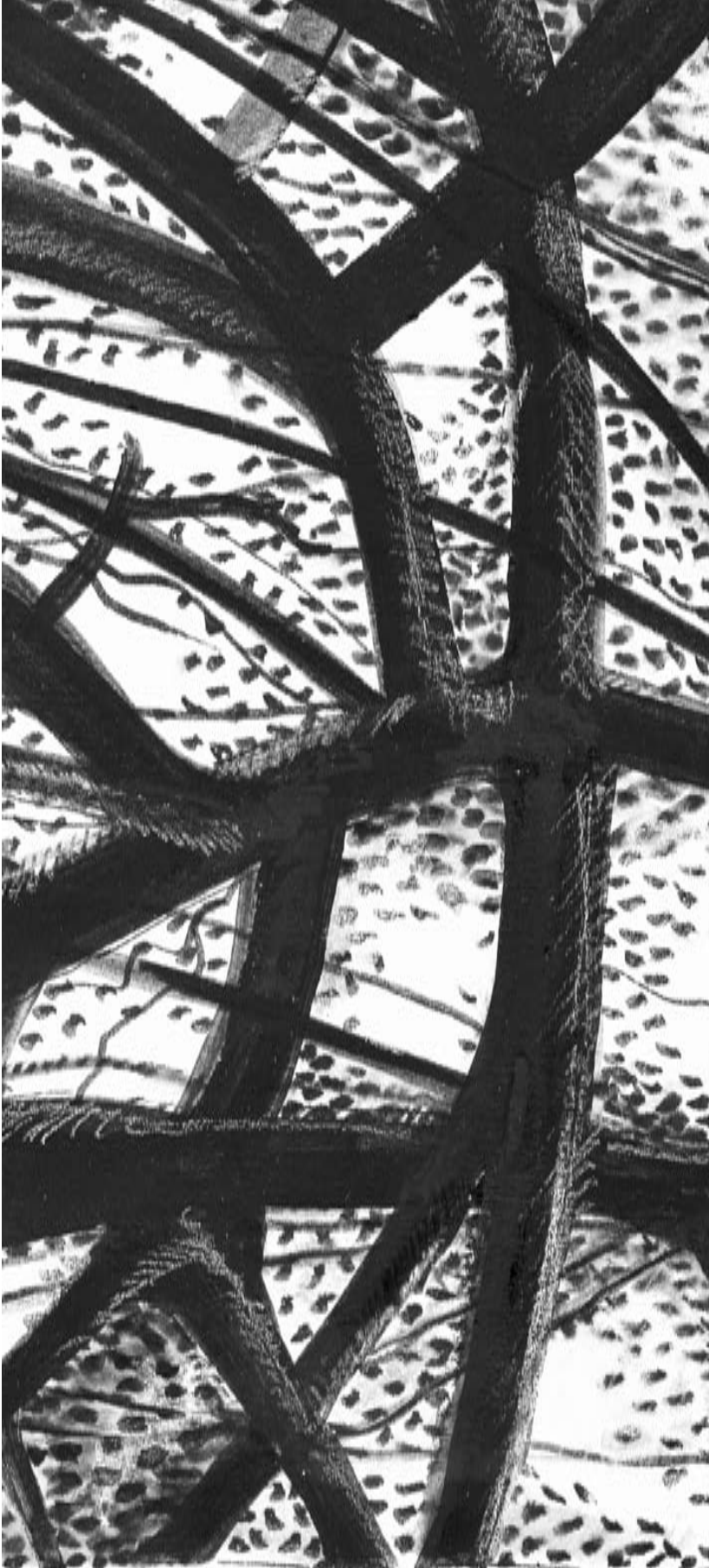
Pelo que foi visto, de todos os argumentos usados pelo setor do dendê, o único que pode gerar confusão é o que se refere à produção de um tipo de combustível “ecológico”, pelo que vale a pena analisá-lo.

Com efeito, os combustíveis fósseis são uma das principais causas das mudanças climáticas, razão pela qual substituí-los por outras fontes de energia pareceria ser parte da solução. Entre essas novas fontes, uma das mais promovidas é o dendê, com cujo óleo já se está produzindo biodiesel. Isso significa novos estímulos à expansão de plantações, agora sob um manto “ecológico”.

Entretanto, essa é uma das piores opções possíveis. Com os atuais níveis de consumo de combustível por parte dos países industrializados, promover os chamados “biocombustíveis” (que vão do dendê à cana-de-açúcar e os eucaliptos)



\* Gustavo Castro Soto, *La palma africana en México. Los monocultivos desastrosos (primera parte)*, junho de 2009



significará substituir a produção de alimentos por cultivos destinados a produzir energia. No caso do dendê, seriam milhões de hectares nos países tropicais, porque é só ali que pode crescer. Nessas regiões, já há escassez de alimentos, e, portanto, a “solução” para os países do Norte significaria mais fome nos países do Sul.

Plantar dendê nem sequer tem sentido do ponto de vista climático. As zonas onde se desenvolve são ecossistemas de florestas que, do ponto de vista estritamente climático, constituem enormes reservatórios de carbono. A ocupação dessas áreas pelas empresas plantadoras de dendê implica destruir a floresta, com a consequente emissão de enormes quantidades de gases de efeito estufa, que agravam as mudanças climáticas.

O discurso “ecológico” tenta esconder o verdadeiro problema: o encarecimento dos combustíveis fósseis e a busca de alternativas mais baratas. O dendê é um dos candidatos favoritos, uma vez que sua produção por hectare é muito alta e seus custos de produção muito baixos, pelo que se espera que possa competir com o petróleo. Mas esses “baixos” custos são na realidade altíssimos em nível local, já que se baseiam em expulsar a população rural, explorar trabalho, reprimir as comunidades locais, promover destruição ambiental e corrupção nas concessões de posse de terras.

O discurso do combustível “ecológico” é mais uma mentira do longo colar de falsidades do empresariado do dendê.

**DIZEM muitas outras coisas**, frequentemente apoiadas por supostos “especialistas” privados ou governamentais, mas, o certo é que, país a país, se comprova a falsidade de todos os argumentos empregados para promover as plantações, sejam de árvores ou de dendê. Por mais argumentos que inventem, os monocultivos de árvores em grande escala já demonstraram ser social e ambientalmente nefastos em todas as regiões do mundo onde se instalaram. Basta escutar os verdadeiros especialistas – as populações locais afetadas pelas plantações – para entender isso.